

IMORTALIDADE

Com o passar inexorável dos anos que, depois de uma certa idade, vem em atropelo, com a supressão da maioria das paixões, todo homem, inconscientemente, pensa numa vida espiritual. Quando as lutas diminuíram porque os objetivos primários já foram atingidos e os vazios tomaram-se maiores, chega-se a uma fase de reflexão. Quando o sexo começa a adormecer, mas a mente continua ativa e clara, as perguntas milenares e ancestrais se apresentam.

O que haverá depois desta vida? A morte é apenas uma passagem ou é o fim definitivo? Existem prêmio ou castigo após, como pregam as religiões? Será que o céu não é apenas uma promessa mentirosa? Será que o inferno não é um mero e fictício espantalho imaginado para sopitar o procedimento egoístico do indivíduo? A alma é imortal ou perece com a matéria?

Tenho lido bastante e rezado mais ainda. Conheço as principais doutrinas religiosas e filosóficas. Sei que a luta entre o bem e o mal é indestrutível e eterna, não se podendo vislumbrar quem vencerá. Aliás, sem esta luta nem a religião existiria. Entretanto, nada concluí, nem sei se a virtude é melhor que o pecado, para gerar a almejada felicidade. Na

verdade tenho medo de morrer, não obstante vivi limpamente. Fora uns pecadilhos sem importância, pois sempre obedeci as leis morais, não temo um julgamento. Todavia, a incerteza me atormenta, o desconhecido me faz tremer.

Procuro os caminhos do amor, as sendas da fé e... encontrei um sinal. Já conversei com sacerdotes, com puros, com ascetas, com iluminados. A totalidade acredita com o coração, nenhum com a mente, com a inteligência. As dúvidas persistem, as perguntas ficam sem respostas. É muito triste ser ignorante ou não possuir uma fé cega e robusta...

Estas considerações, que não passam de lugares comuns, repetidos "ad nauseam", surgiram porque no último sábado, dia 19 revi, pela televisão, um velho filme famoso e festejado, ganhador do "Oscar", prêmio maior do cinema. Em 1942, no cine Central (Rua Barão do Rio Branco) tive o prazer de ver "Casa Blanca", estrelado pelo viril Humphrey Bogart, pela meiga e bela Ingrid Bergman e outros "craques" da época (Paul Henried, Claude Rains, Conrad Veidt, Peter Lore). Em preto e branco (ainda não existia filme colorido), era uma estória de amor, só por isso eterna. Agora, 46 anos depois, a mesma película ainda faz sucesso, mas na versão nova as imagens são "colorizadas" (ganharam cor) mercê do onipresente computador. E os astros ficaram mais bonitos. E é curioso, decorrido quase meio século, os atores principais já

morreram, no entanto, na tela, no vídeo, estão vivos, belos, moços, falando, se movimentando, amando, vivendo a estória imortal, ao som maravilhoso das canções. Nenhum deles sentiu as devastações do tempo, as marcas da velhice. São perfeitos, belos, puros, imortais.

Terminado o filme, quando fui ao banheiro escovar os dentes para dormir, acabei chorando. É que me vi no cruel espelho, sob a luz de uma lâmpada de 100 velas. Onde estão os meus cabelos pretos, minha pele elástica, meu porte atlético, minha postura de estátua? Onde estão minha força, minha coragem, minha mocidade? Só encontrei calvície, rugas, tristeza, decadência numa face marcada pelas mágoas, pelos insucessos, pelo cansaço. Por que o tempo só passou para mim e não atingiu os atores que até já morreram? Será que alguém, Deus ou cientista, não poderia me filmar, colorir-me de novo, restituir-me a força, a pujança, a juventude? Seria tão bom, ah, como seria bom.